

## Lembranças de Escolas

### O SAPOTI, O GIBI E O GURI

Spírito Santo



#### **O gosto do Sapoti**

Do que sei bem é o que ficou em mim daquele amarelo manchado da casca do sapoti pego no pátio, em sua evocação de uma memória-delícia marcada por uma única mácula: os dentes do morcego que mordiscara a fruta, antes de mim, derrubando-a do pé.

A marca do morcego passou a ser o signo das lembranças mais amargas, de tudo que me lembro de ruim naquele tempo.

A primeira idéia do que seria um lugar onde se *aprendem coisas*, contudo, foi bem mais agradável que o sapoti. O nome já dizia tudo: Jardim de Infância. Lembro do cheiro do pano do avental novo, com as minhas iniciais bordadas a ponto de cruz, do chapeuzinho de palha com uma fita xadrez, enlaçada no cocoruto. Lembro da folha de um livro de colorir com um pintinho impresso, vazado e sem cor que eu, maravilhado, pinteí com o lápis amarelo. Foi todo assim o curto tempo da escola feliz.

Datada, a lembrança que marca o momento de minha ida para a Escola-Prisão, ali por volta dos meus cinco anos de idade, é uma

canção, insistentemente repetida no rádio: "... Criança feliz, feliz a cantar..."

Esta imagem fantástica estava gravada no céu azul que encobria o pátio do colégio e foi, certamente, criada em minha cabeça pela visão fortuita da página de jornal de algum inspetor e pelo rádio, que tocava aquela música que ficou para mim associada, para sempre, a uma idéia de tristeza e melancolia.

Entre um flash e outro da trágica notícia, entremeada com a voz do falecido cantando, eu ia compreendendo que *um tal* de Francisco Alves, uma celebridade da época, autor e intérprete daquela canção, havia morrido num acidente.

O ano marca por isto o início da minha jornada de habitante daquele estranho mundo, engolfado que fui pelo que soube ser bem mais tarde, uma unidade conveniada do *Serviço de Assistência ao Menor*, famigerada instituição criada no segundo governo de Getúlio Vargas para abrigar meninos pobres e órfãos, entre os quais os considerados infratores ou delinquentes, eram encaminhados para a principal unidade do sistema: a Escola XV. Fosse a minha infância um tenro sapoti, o SAM seria, com certeza, o mais infame dos morcegos.

### **As peras os livros e o Gibi**

O que lembro é que, na visita daquele dia minha mãe não me levava apenas o modesto farnelzinho de sempre, com três ou quatro peras embrulhadas num papel roxo e o saco da rosquinha de coco marca 'Seara'. Ela me apareceu desta vez, com uma enorme mala de papelão novinha em folha, forrada internamente, guarnecida com cantoneiras pintadas de marrom brilhante, cheia de tudo que ela imaginou que me extasiaria de felicidade.

E quem não se extasiaria com duas latas de leite condensado, muitos sacos de biscoitos – entre os quais os saborosos 'Seara' – peras e maçãs embrulhadas no papel roxinho e tantas outras iguarias? E o que dizer dos livros e gibis?

Caixa de Pandora que era aquela mala, quando aberta, revelou-se um portal de mil e um encantamentos, glória absoluta para um menino que necessitava, ardentemente, de uma saída qualquer para um mundo fantástico, um portal através do qual ele pudesse escapar daquela vidinha humilhante de órfão na Escola-Prisão.

Foi logo que acordei que decidi guardar a mala naquele vão meio escondido de um corredor do pátio. Naquela minha estúpida inocência de guri, aquele me pareceu um covil bastante seguro.

Gelei quando ouvi a gritaria vinda exatamente do vão do corredor. Corri para a turba que, ao me ver, debandou completamente. No chão, vendo a mala saqueada, em frangalhos, não chorei. Num colégio interno, mesmo tendo apenas sete anos de idade, um homem não chora. O trauma da mala ainda hoje me acompanha, tremo e tenho sensações de perda irreparável, só de lembrar daquela algazarra ensandecida dos saqueadores.

### **A liberdade do Guri**

Os inspetores eram figuras musculosas, com as camisas de mangas curtas arregaçadas, para mostrar a nós, esqueléticos meninos, a ameaçadora desproporção entre seus bíceps e nossos bracinhos finos como gravetos. Pelo aspecto, eram jovens policiais praticantes de luta livre e Jiu Jitsu. Verdadeiros 'desensinadores' usavam a régua para nos agredir com truculência 'educativa', como método 'pedagógico' mesmo. Boçais como a sociedade que os criara, que Deus os tenha.

Torturavam-nos de várias maneiras. Lembro-me de uma rígida formatura que durou horas. A intenção deles com a tortura coletiva desta vez era clara: alguém teria que denunciar quem entre nós havia feito uma das denúncias que haviam vazado para fora do colégio, engrossando o que hoje imagino ter sido uma grave crise no sistema SAM que, ali por volta de 1959, parecia prestes a ruir com novas denúncias sobre bárbaras torturas na Escola XV.

Na visita seguinte, faminto como todos os outros, decidi confessar à minha mãe que não dava mais para ficar ali.

É esta decisão que deflagra então minha última memória que, como se fosse uma volta simbólica ao Jardim de Infância, é a minha lembrança mais querida: música dura e com faíscas eletrizantes. O ferro da roda do bonde atritando o ferro de memórias que, agora que foram contadas, não podem mais ser apagadas por ninguém.

Escapar íntegro da Escola-Prisão e ter espantado os morcegos da minha vida, é o meu diploma exposto com orgulho na lousa destas minhas memórias, para sempre felizes por serem, eternamente, infantis.

.....

***✓ Espírito Santo: Escritor; pesquisador de música popular e tradicional afro-brasileira. Atua também como arte educador, tendo criado, no Rio de Janeiro, o projeto Musikfabrik, especializado na utilização da linguagem musical e do artesanato musical como ferramenta pedagógica aplicada a diversos fins sócio-educacionais. Atualmente leciona na Universidade do Estado do Rio de Janeiro na qualidade de Artista Visitante.***

***Referências bibliográficas (ou textuais):***

***O presente texto é uma compilação do texto integral publicado em <http://www.overmundo.com.br>***